



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A interpretação simbólica de 666 face a Ap 7,4-8 e aos Doze Apóstolos¹

The symbolical interpretation of 666 in the face of Rev. 7:4-8 and the Twelve Apostles

La interpretación simbólica de 666 frente al Ap 7,4-8 y a los Doce Apóstoles

Pedro Paulo Abreu

Funari²

orcid.org/0000-0003-0183-7622
ppfunari@uol.com.br

Adylson Valdez³

orcid.org/0000-0002-0002-0701
adylv@lbn.com.br

Recebido em: 3 ago. 2021.

Aprovado em: 11 out. 2021.

Publicado em: 8 abr. 2022.

Resumo: Diante do problema do número 666 (Ap 13,18), a maioria dos intérpretes modernos opta pela explicação gemátrica ou simbólica. Este artigo expõe as dificuldades internas, os erros e os acertos destas explicações. Como resultado da análise se conclui que a conjugação de ambas as interpretações é uma solução viável, não só pelo fato de que o autor do Apocalipse utiliza a cifra para ocultar um nome, mas também porque o número 666 indica claramente os antagonistas dos verdadeiros cristãos. A análise da lista das Doze Tribos de Israel (Ap 7,4-8), em conjunto com a lista dos Doze Apóstolos, confirma este padrão de pensamento simbólico e tipológico.

Palavras-chave: 666. Doze Tribos. Apostasia. Apóstolos.

Abstract: Faced with the problem of the number 666 (Rev. 13:18), most modern interpreters opt for the gematric or symbolic explanation. This article exposes the internal difficulties, errors and successes of these explanations. As a result of the analysis, it is concluded that the combination of both interpretations is a viable solution, not only because the author of the Apocalypse uses the cipher to hide a name, but also because the number 666 clearly indicates the antagonists of true Christians. The analysis of the list of the Twelve Tribes of Israel (Rev 7,4-8), together with the list of the Twelve Apostles, confirms this pattern of symbolic and typological thinking.

Keywords: 666. Twelve Tribes. Apostasy. Apostles

Resumen: Ante el problema del número 666 (Ap 13,18), la mayoría de los intérpretes modernos opta por la explicación gemátrica o simbólica. Este artículo expone las dificultades internas, errores y aciertos de estas explicaciones. Como resultado del análisis, se concluye que la combinación de ambas interpretaciones es una solución viable, no solo porque el autor del Apocalipsis usa la cifra para ocultar un nombre, sino también porque el número 666 indica claramente los antagonistas de los verdaderos cristianos. El análisis de la lista de las Doce Tribus de Israel (Ap 7,4-8), junto con la lista de los Doce Apóstoles, confirma este patrón de pensamiento simbólico y tipológico.

Palabras-chave: 666. Doce Tribus. Apostasia. Apóstoles.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este artigo se trata de texto atualizado, corrigido e reformulado – contendo acréscimos, gráficos e imagens – do artigo "El Número 666 y las Doce Tribus de Israel", publicado na Revista Bíblica 68/3-4 (2006), p. 191-214, PPC Editorial, Buenos Aires, Argentina. A publicação brasileira foi autorizada pelo diretor da Revista Bíblica, Jorge Blunda, em 5 de abril de 2021. Dedicatória de Adylson Valdez: dedico este trabalho a São Thomas More, meu intercessor, e a Pierre Prigent, meu incentivador.

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil.

³ Pesquisador autônomo, Santos, SP, Brasil.

Introdução

O império romano foi, durante um grande período de paz (31 a.C./235 d.C.), favorável ao comércio, às trocas culturais e, por isso mesmo, à difusão dos seguidores de Jesus de Nazaré. Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, mostra bem isso, ao ser um dos responsáveis pela divulgação da chamada Boa Nova, ou Evangelho, muito além de tradição judaica, para antigos politeístas. Mas, ao mesmo tempo, o Império Romano apresentava-se como um reino (*basileia*) fundado no culto imperial, como se o governante, abençoado (*sebastos*, em grego, tradução de "augusto"), fosse um deus ou ao menos divinizado. Dominador, gerava revolta entre muitos submetidos. Era, pois, uma situação contraditória. Um imperador como Nero, em meados do primeiro século, era tanto popular em certos grupos, inclusive populares, como odiado por senadores e, mais ainda, por subjugados diversos. Os seguidores de Jesus, logo chamados de cristãos, em diversas ocasiões perseguidos, tinham os perseguidores como inimigos, como no caso notável e precoce do imperador Nero. Os cristãos podiam ser perseguidos por serem considerados como perturbadores da ordem social e da paz dos deuses (*pax deorum*), causadores de catástrofes, como incêndios ou doenças. Podiam ser considerados ímpios, ao não prestar culto aos deuses, ateus, e mesmo revolucionários. Este é o contexto de redação do Apocalipse, obra de datação discutível, mas que reflete esse contexto histórico mais amplo.

Sem dúvida, a passagem mais enigmática do livro do Apocalipse se encontra nos versículos 17 e 18 do seu capítulo 13, na qual o autor nos revela o número do nome da Besta, que é 666.

Através dos tempos, os estudiosos da Bíblia procuraram um nome que correspondesse a este número, levando em conta não só sistemas alfabéticos de numeração como também o aspecto anticristão de um determinado personagem proeminente da História. Paralelamente a este modo de interpretação, outra linha de pesquisadores vislumbrou na cifra

enigmática uma qualidade simbólica do ponto de vista bíblico.

Não obstante estes esforços, pode-se observar em ambas as interpretações muitas dificuldades e enganos, de maneira que é necessário rever-se os seus sistemas para se descobrir nelas algum mérito com relação às suas propostas.

Este artigo procura justamente proceder a esta revisão, observando a possibilidade da conjugação das duas interpretações, assim como trazer um indício da influência do simbolismo particular e tipológico do número 666 na formação da lista das Doze Tribos de Israel, encontrada em Ap 7,4-8, levando-se ainda em consideração a lista dos Doze Apóstolos de Jesus.

1 As duas principais interpretações sobre o número 666⁴

1.1 A interpretação pela gematria

A vertente interpretativa de que vamos tratar neste item defende a posição de que 666 é o resultado da soma dos números correspondentes às letras do nome da Besta (Ap 13,17; 14,11; 15,2), conforme o antigo sistema de numeração utilizado pelos gregos e judeus. Esta operação chama-se gematria. A primeira notícia da utilização desta forma de interpretação entre os cristãos encontramos em Ireneu (séc. II d.C.), o qual recomendou aguardar o cumprimento da profecia do Apocalipse para se saber qual é o nome correspondente ao número 666, pois uma quantidade enorme de palavras pode conter a cifra. Não obstante isto, ele propôs os nomes gregos *Euanthas* ("florações" ou "botões", acusativo plural de *euanthes*), *Lateinos* ("Latino", referindo-se ao império romano) e *Teitan* ("Titã", para indicar um rei tirano) (IRENEU, 5,30.3). Ireneu ainda menciona uma variante da cifra, 616, encontrada em alguns manuscritos, considerando-a uma falha dos copistas (IRENEU, 5,30.1).

Mais tarde, Vitorino de Pettau concorda com Ireneu, repetindo *Teitan*, mas acrescentou os

⁴ Além das duas interpretações apresentadas neste texto existem mais duas outras: uma que procura soluções meramente matemáticas, com base em sistemas pitagóricos ou em outros sistemas. É o caso de van Eysinga, que propõe a fórmula $n(n+1): 2 = 1 + 2 + 3... + n$, para achar-se o número triangular de 8 e depois o número 666, o qual, portanto, refere-se ocultamente ao oitavo rei de Ap 17,11 (VAN EYSINGA, 1912, p. 293-305). A outra interpretação é de natureza cronológica, que considera 666 a duração do domínio da Besta ou do poder anticristão. Nela existem três vertentes: a) 666 anos é a duração do paganismo até o imperador romano Constantino; b) a cifra corresponde à duração do período muçulmano; c) e o número representa a duração do papado.

nomes *Antemos* (do grego, "Contrário") e *Gen-serikos* (forma grega do gótico *gaisa-reik*, "Lança-Rei"), bem como as letras latinas DICLVX (correspondentes a *Teitan*, conforme o sistema numérico romano) (VITORINO DE PETTAU, cap. 13). Tendo em vista as perseguições feitas contra o cristianismo nos primeiros séculos da Era Cristã, as propostas de gematria que se seguem através da História representam nomes e títulos imperiais romanos, sendo muitas e variadas. Entre elas, com relação a 666, podemos mencionar: *Oulpius*, sugerida por Grotius, forma grega do latim *Ulpus*, vocábulo designativo do clã do imperador Trajano (GROTIUS, 1630, p. 368); *Diocles Augustus*, referente ao imperador Diocleciano, utilizando-se as letras DICLVVV conforme o sistema numérico romano, criada por Bossuet (1689, p. 302); e as primeiras letras e sílabas (marcadas em itálico) de Autokrator *Kaisar Dometianos Sebastos Germanikos*, título imperial de Domiciano, em grego, encontrado em uma antiga inscrição, proposta por Stauffer (1947, p. 237-241).

Para a variante 616, sugeriram-se: *Caesar Romae* (em latim, "César, em Roma"), conforme Ewald (1828, p. 237); *Kaisar Theós* (em grego, "César Deus"), imaginada por Deissmann (1910, p. 344); *Gaios Kaisar*, referindo-se a Calígula, gematria grega sugerida por Spitta (1889, p. 134-136, 369-371), e o título hebraico *Qeysar Dwmmytyanus* ("César Domiciano"), sugerido por Hartingsveld (1978, p. 191-201).

Podemos citar, ainda, a gematria hebraica *tehom qadmoniyah* ("o caos primordial"), para 666, conforme Gunkel (1895, p. 377); assim como *he latinè basileia* (do grego, "o reino latino") para 666 e *he italè basileia* ("o reino italiano") para 616, criadas por Clemen (1901, p. 109-114; 1910, p. 204-223; 1921, p. 144-148).

Entre 1831 e 1837, os estudiosos alemães Fritzsche (1831, p. 59-60), Benary (1836, p. 205-206), Hitzig (1837, p. 3) e Reuss (1837, p. 520) propuseram para 666, de forma independente, *Nrwn Qsr* (uma transliteração do grego para o hebraico do nome "Nero César", formada por nun = 50, resh = 200, vav = 6, nun = 50, kof = 100, sâmek = 60 e resh = 200,

conforme o sistema numérico hebraico usado no século I d.C., que era limitado até o número 400). Como esta teoria reafirma a lenda do Nero *redivivus*, a proposta ganhou a aceitação da grande maioria dos especialistas, apesar de adotar uma gematria de letras hebraicas (o Apocalipse foi escrito em grego e se destinou a pessoas de fala grega; porém, deve-se lembrar que o autor pensava em hebraico, pois utilizou hebraísmos e cometeu muitos erros gramaticais). Contrapôs-se a esta gematria que a forma *Qsr* é defeituosa, sendo que a correta é *Qysr* (com a letra iod). Ewald observou, em contrapartida, que *Qsr* é encontrada em inscrições e documentos síriacos descobertos em Palmira, datados do século III d.C. (EWALD, 1862, p. 263). Charles argumentou que o dicionário de Marcus Jastrow (1903, p. 1365) admite a forma *Qsr*, e ainda citou a possibilidade de que 616 corresponderia à mesma gematria sem a letra nun final de *Nrwn* (conforme uma transliteração a partir da forma latina do nome) (CHARLES, 1920, p. 367).

Por fim, na década de 1950, foi descoberto entre os manuscritos do Mar Morto um documento em aramaico com *Qsr*, datado do segundo ano do reinado de Nero, fato que acabou confirmando a probabilidade da teoria. Ver as figuras 1 e 2 a seguir.

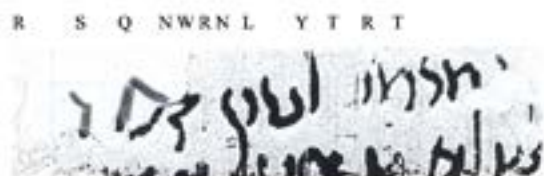
Figura 1 – Frente e verso do documento encontrado no ano de 1951 em Wadi Murabba'at, com NRWN QSR ("Nero César") no fim da primeira linha





Fonte: *Discoveries in the Judean Desert (DJD)* II, n. 18, tav. XXIX; a imagem do manuscrito foi fornecida pela Tyndale House Library, Cambridge, Inglaterra.

Figura 2 – Reconstituição da primeira linha (lê-se da direita para a esquerda)



Fonte: *Discoveries in the Judean Desert (DJD)* II, n. 18, tav. XXIX; a imagem do manuscrito foi fornecida pela Tyndale House Library, Cambridge, Inglaterra.

1.2 A interpretação simbólica

Após a escrita do Apocalipse, Ireneu foi o primeiro de que se tem notícia a apontar um significado simbólico bíblico para 666, embora em conjugação com a gematria, ao relacioná-lo à recapitulação da iniquidade, referindo-se aos 600 anos de Noé, data do dilúvio (Gn 7,6.11), e às medidas da estátua erigida pelo rei babilônio Nabucodonosor, 60 côvados de altura e 6 de largura (Dn 3,1.7) (IRENEU, 5,29,2). Devido à menção destas passagens do Antigo Testamento por Ireneu, os adeptos do simbolismo procuraram outras passagens onde surgem os números 6, 60, 600 e 666. Geralmente, as sugestões dos outros trechos se baseiam nas relações que existem entre as circunstâncias relatadas ou características das passagens e o conteúdo humano e tipológico que possam vir a ter. Assim,

além dos trechos de Ireneu, é comum mencionar Gn 1,26-31 (a criação do homem no sexto dia da primeira semana) e 1Sm 17,4.7 (a altura do gigante Golias, de seis côvados e um palmo, e o peso da ponta de sua lança, de 600 siclos de ferro). Com frequência, também encontramos a menção de 2Sm 21,20-21 (o gigante de Gat, com seis dedos em cada mão e pé, derrotado por um parente de Davi).

Na busca do número 666, os estudiosos encontraram 1Rs 10,14 (666 talentos de ouro levados anualmente a Salomão; 2Cr 9,13), por sugestão de Beda (*PL* 93,172.D), e Esd 2,13 (a quantidade dos filhos de Adonicam), sugerida por Hengstenberg (1852, p. 52).

Na tentativa de achar os significados que dinamizam destas passagens, chegou-se à conclusão de que o número seis simboliza o homem, o qual, por não ser indicado pelo número sete, que se refere a Deus (Gn 2,1-3), lembra que jamais poderá atingir a perfeição. Assim, o número 666, por ser o resultado de seis multiplicado por 1, 10 e 100, ou, por ser composto de três seis seguidos, significa um homem imperfeito, completamente iníquo e perdido, arrogante e com a pretensão de ser deus, partidário do Mal, remetendo a 2Ts 2,3-8 e especialmente a Dn 7,8.11.25-27 e Ap 13,1-8; 17,8; 19,19-20. Sem dúvida, pode-se extrair dos textos várias relações, como, por exemplo, os gigantes derrotados por Davi e por seu parente, lembrando Jesus, o descendente de Davi, derrotando o Anticristo, um homem poderoso; o dilúvio, destruição da humanidade, rememorando antecipadamente o Juízo Final, combinando-se com Mt 24,37-39 e Lc 17,26-30; e a sensação de fragilidade e caricatura na figura do homem forte, gigantesco, inimigo estrangeiro, que remete aos antigos gigantes de Gn 6,4, a ser derrotado facilmente pelo Messias com um sopro, como diz Paulo (2Ts 2,8).

Um outro fundamento para a interpretação simbólica é a utilização de múltiplos de seis no Apocalipse (42 e 1.260: Ap 11,2-3.9.11; 12,6.14; 13,5), formando um padrão de raciocínio matemático apocalíptico, que está relacionado ao tempo do governo da Besta (um padrão que deriva de Dn 7,25; 8,14; 9,24-27; 12,11-12).

2 A análise das duas interpretações

Como podemos verificar, as duas interpretações possuem fundamentos aparentemente convincentes dentro da lógica de seus sistemas interpretativos. No entanto, ambas apresentam algumas dificuldades.

Com relação à interpretação pela gematria, embora ela pareça ser simples e óbvia perante o contexto histórico e a literatura apocalíptica, o problema se encontra no fato de que a descoberta do nome tem de enfrentar um processo mental altamente complexo. Deve-se lembrar que o Apocalipse, ao contrário do apócrifo *Oráculos Sibilinos*, não dá nenhuma equação de letras, e as únicas coordenadas que nele se encontram para se descobrir o nome são: a frase *arithmòs gàr anthrópou estin* ("pois é número de homem"; tradução de Adylson Valdez); e a revelação do número correspondente à Besta e ao seu nome. Admitindo-se a teoria de que o nome possa corresponder à gematria *Nrwn Qsr* e de que o autor pensava na lenda do Nero *redivivus*, o leitor, tendo somente em mãos as coordenadas daquela frase e da revelação do número, teria que, em primeiro lugar, deduzir que o Anticristo seria uma pessoa; depois, conhecendo previamente a lenda, concluir, pela análise dos capítulos 13 e 17, que João a adotou, e que as sete cabeças da Besta e as sete montanhas são imperadores romanos; e, por fim, já sabendo que o Anticristo era Nero, imaginar uma transliteração do grego para o hebraico que correspondesse ao título "Nero César", mas sem a letra iod. A complexidade deste processo denota que ele não poderia ser empreendido por um leitor comum despreparado, mas sim por uma pessoa iniciada nos códigos de João ou que se propusesse a fazer todo este exercício mental por um estudo bastante cuidadoso do gênero apocalíptico, de suas regras peculiares e da literatura respectiva existente na época, assim como teria de ser um judeu ou um conhecedor da língua hebraica.

Quanto à interpretação simbólica, apesar de fazer correspondência com trechos bíblicos onde se encontram os números 6, 60, 600 e 666, ela ignora o fato de que o número 666 oculta obrigatoriamente um nome.

Outrossim, não existe nenhuma evidência no Apocalipse de que João tenha se baseado nas passagens apontadas por esta explicação e as tenha interpretado no modo como ela as interpreta. Na realidade, o número seis, em suas formas cardinal e ordinal, do ponto de vista dos contextos, não possui, na Bíblia, os significados que a interpretação simbólica utiliza. Como se verá a seguir, as passagens de Gn 1,26-31; 1Rs 10,14-20.23; Dn 3,17; 1Sm 17,4.7; 2Sm 21,20-21; e Gn 7,6.11 não possuem a intenção primária objetiva de expressar o símbolo distintivo do homem, a idolatria, a inimizade ao Messias, a recapitulação da iniquidade, o Mal, a apostasia e a imperfeição. Também deve ser observado que o número seis não é exclusivo da figura do homem, mas também, às vezes, é usado para animais, e, por outro lado, pode ter tanto uma conotação positiva como negativa.

O número seis originalmente está conectado com a semana de sete dias, indicando o término de uma atividade ou de um período necessário e suficiente para se completar uma determinada situação. Assim, o escravo hebreu deve servir por seis anos e no sétimo será libertado (Gn 31,41; Ex 21,2); o homem trabalhará durante seis dias e descansará no sétimo (Ex 16,26; 20,9-11); e a terra será semeada por seis anos, mas deve permanecer em paz no sétimo ano (Ex 23,10-11). Enquanto o número sete significa liberdade, descanso, felicidade, paz e inatividade, bem como dedicação ao culto de Deus, com justiça e respeito à lei, o número seis remete ao sofrimento, ao trabalho, à escravidão, à construção da existência para haver uma liberação ou o gozo pleno em uma próxima fase.

Em decorrência deste significado básico, o número seis também passa a ter o conteúdo de cumprimento, totalidade perfeita, completeza, construtivismo e acabamento. A influência do princípio sétuplo gera no número seis o sentido de limite máximo, de um ápice alcançado. Este significado parece ser uma decorrência do fato de que seis é um número par, o que induz à ideia de perfeição de uma obra ou ação. É o caso da criação do homem no sexto dia, que completa definitivamente toda a obra divina (Gn

1,26-31); da queda da muralha de Jericó após seis dias (Js 6,3-5,14-15); do aniquilamento total do inimigo com o lançamento simbólico de seis flechas (2Rs 13,19); e das medidas perfeitas do templo de Deus na visão de Ezequiel (Ez 40,5,12; 41,1,3,5,8).

Outros significados extensivos do significado de limite máximo surgem ao longo da Bíblia:

a) imponência, opulência e grandiosidade: na medida do comprimento do templo de Salomão (60 côvados: 1Rs 6,2), na quantidade de sua riqueza (666 talentos e 600 siclos de ouro: 1Rs 10,14-20,23) e nas medidas da estátua erigida por Nabucodonosor (60 côvados de altura e 6 de largura: Dn 3,1,7);

b) numerosidade, abundância e força, nos números altos: um exemplo singelo é Ct 3,7 (60 guerreiros), um mediano é Jz 18,11 (600 homens; cf. 1Sm 13,15; 23,13) e um outro extremo é Ex 12,37 (600.000 homens; cf. Nm 11,21 e 1Sm 13,5). Também encontramos o sentido de numerosidade para a quantidade de animais (Nm 7,88: 60 carneiros, 60 bodes e 60 cordeiros). Nos evangelhos, a fração de 60 por 1 indica abundância, grande produção (Mt 13,8,23; Mc 4,8,20); c) enorme força física guerreira que está sujeita à fácil derrota e ao ridículo: encontramos este sentido nos 600 melhores carros do Faraó, cujos guerreiros foram afogados (Ex 14,6-7,27-28); na altura de Golias, de seis côvados e um palmo, e no peso da ponta de sua lança, de 600 siclos de ferro, o qual foi derrotado por Davi (1Sm 17,4,7); e nos seis dedos do gigante de Gat, morto por um parente de Davi (2Sm 21,20-21);

d) marcação de um momento crucial, final e dramático: é a data escatológica do dilúvio nos 600 anos de Noé (Gn 7,6,11); e as trevas da sexta hora na agonia de Jesus (Mt 27,45; Mc 15,33; Lc 23,44; Jo 19,14).

Por outro lado, apesar das dificuldades e enganos, ambas as interpretações são admissíveis, considerando-se alguns pontos.

A primeira interpretação harmoniza-se com o contexto histórico da época de João, no qual a gematria era largamente usada entre os gregos, judeus e romanos, havendo vários testemunhos literários dentro do gênero apocalíptico. De fato

a lenda do Nero *redivivus* era bastante conhecida na Ásia Menor (João endereça seu livro a esta região), justamente na ocasião da escrita do livro, quando surgiram falsos Neros, conforme testemunhos de Tácito e Suetônio, a qual facilitaria a identificação das cabeças e montanhas de Ap 13 e 17 com os imperadores romanos.

Também, a complexidade para se achar o número parece estar de acordo com o intuito do autor, pois ele nunca revela claramente o meio de se achar o significado de suas alegorias e símbolos, exigindo um conhecimento prévio da Sagrada Escritura que somente um judeu ou um estudioso acurado e detalhista poderiam ter. Esta exigência parece ser bem evidente nas seguintes frases de Ap 13,18: *Hòde he sofía estín; ho ékhon noûn psefísáto tòn arithmòn toû theriou;*

ou seja, somente alguém que tivesse a capacidade de compreender e que estivesse preparado com *sofía* ("sabedoria") poderia indicar as letras para se chegar ao número. A interpretação simbólica procura uma base bíblica para fundamentar sua proposição, o que é absolutamente válido, pois o autor do Apocalipse está bastante influenciado por várias passagens bíblicas, especialmente por trechos do livro de Daniel. Os significados de iniquidade, perdição, apostasia, idolatria e de relação com o Mal estão presentes na aplicação que João faz para o número, já que 666 marca os antagonistas de Deus, de Jesus e dos cristãos, bem como os cristãos apóstatas. Mas estes significados de 666 emanam exclusivamente do texto do Apocalipse, não dos textos do resto da Bíblia, em sua intenção original. É possível deduzir, no entanto, que João possa ter sido inspirado pelas passagens em que os inimigos de Davi se apresentam com uma força física gigantesca, demonstrada pelo número seis multiplicado por cem e por quatro, a qual é poderosa apenas aparentemente, pois eles são derrotados facilmente pelo rei e por seus heróis (conforme mencionado anteriormente na alínea c).

Isto porque há uma relação tipológica bastante clara entre os inimigos de Davi e o Anticristo, que é o antagonista de Jesus. A relação com a idolatria também é possível diante de Dn 3,1,7 e Ap 13,14-15.

Devido a estes pontos, a conjugação parece ser consequente, pois o texto de João permite a aplicação de ambas as interpretações ao mesmo tempo. Hipoteticamente poderíamos dizer que a gematria *Nrwn Qsr* teria sido imaginada sem a letra *iod* justamente para que o número a ser obtido fosse 666: uma cifra feita deliberadamente desta forma com o fim de remeter ao significado simbólico e talvez tipológico do Anticristo de maneira perfeita e veemente.

Naturalmente que o conteúdo simbólico particular de 666 pode ter gerado um padrão de pensamento que tenha influenciado o autor na elaboração de outras passagens do Apocalipse, considerando-se também a possível relação tipológica do número.

A busca de outras passagens, especialmente aquelas que remetem a múltiplos de seis, revela que, entre elas, a lista das Doze Tribos de Israel, contida em Ap 7,4-8, parece apontar sutilmente para este padrão simbólico e tipológico de pensamento, tendo em vista a evidente substituição da tribo de Dã pela de Manassés no sexto lugar da lista, por razões visivelmente teológicas.

Por este motivo, iremos analisar aquele trecho e realçar um indício interno que, devido ao seu possível conteúdo tipológico e bíblico, pode confirmar a função não só gemátrica como simbólica do número 666.

3 O simbolismo do número seis em Ap 7,4-8

3.1 Estudo analítico da formação de Ap 7,4-8 e de seus objetivos símbolo-teológicos

O presente estudo terá como objetivo demonstrar que o autor do Apocalipse tinha em mente um significado simbólico de apostasia e antagonismo ao Messias para o número seis, considerando-se que este mesmo significado é encontrado ocultamente no nome do sexto lugar da lista de Ap 7,4-8, e que esta foi manipulada por João para que houvesse a aplicação deste simbolismo sobre aquela posição. Este simbolismo teria sido aplicado por causa da influência do próprio número 666, devido à sua relação com o Anticristo. Então, tendo esta premissa em mente, vamos proceder à análise.

No capítulo 7, o autor do Apocalipse relaciona as Doze Tribos de Israel conforme a seguinte ordenação: Judá, Rubem, Gad, Aser, Neftali, Manassés, Simeão, Levi, Issacar, Zabulon, José e Benjamin. Esta lista pode ser estudada de acordo com:

a) os grupos de filhos de cada esposa de Jacó: Judá-Rubem, filhos de Lia; Gad-Aser, filhos de Lia, por meio da sua escrava Zelfa (Gn 30,9-13); Neftali-Manassés, respectivamente, filho de Raquel, por meio da sua escrava Bala (Gn 30,3-7-8), e neto de Raquel, por meio do seu filho José (Gn 46,27; 48,1); Simeão-Levi-Issacar-Zabulon, filhos de Lia; e José-Benjamin, filhos de Raquel;

b) os grupos geograficamente próximos: Judá-Rubem-Gad (sul, sudeste e este); Aser-Neftali (norte e nordeste); Manassés, isolado no centro, sem formar um grupo; Simeão-Levi (sul e sudeste); Issacar-Zabulon (centro-norte e nordeste); e José-Benjamin (centro e sudeste);

c) o conteúdo histórico, político e teológico de cada tribo, tendo por base textos bíblicos, não canônicos e patrísticos;

d) a comparação com as demais listas existentes na Bíblia e na literatura judaica antiga;

e) uma seleção de listas que apresentem as sequências que compõem Ap 7,4-8.

Do ponto de vista dos grupos de filhos de cada esposa de Jacó, podemos notar que Lia se faz representar no início das primeira e segunda metades da lista, havendo uma separação entre os grupos Judá-Rubem e Simeão-Levi-Issacar-Zabulon — que são tribos oriundas dos seus filhos legítimos — mediante o grupo Gad-Aser, gerado da sua escrava Zelfa, e o grupo Neftali-Manassés, que pertence a Raquel. Esta sucede a Lia com os grupos subsequentes em cada metade: Neftali, tribo que provém de sua escrava Bala; Manassés, advinda do primogênito de José (portanto, neto de Raquel); e José-Benjamin, grupo derivado dos seus filhos legítimos. Assim, no que concerne às mães, é escolhida uma ordem alternada Lia-Raquel-Lia-Raquel, começando sempre pela primeira esposa de Jacó, sendo que, no caso

desta, a sua escrava surge posteriormente a ela (Gad-Aser após Judá-Rubem), e, no caso de Raquel, a escrava respectiva surge anteriormente (Neftali antes de Manassés e José-Benjamin).

A análise do ponto de vista da proximidade geográfica nos ajuda a perceber que o posicionamento dos grupos ocorre por saltos distanciados desconexos: sul, este, norte, centro, sul, norte e sul; dando a entender que a lista não tem um princípio geográfico na sua formação. Mas é importante notar o isolamento de Manassés no centro, que parece indicar uma posição especial.

Com relação ao conteúdo histórico, político e teológico das tribos, temos a constatação da preocupação de João em colocar a tribo de Judá em primeiro lugar, ao invés da tribo de Rubem (que se originou do primogênito de Lia: Gn 49,3-4), notadamente não só por causa de sua importância política e religiosa, já que dela originou-se o rei Davi, ou por aparecer em primeiro lugar em algumas listas do Antigo Testamento (Nm 2,3-31; 7,12-83; 10,14-27; 34,19-28; Js 21,4-7; 21,9-40; Jz 1; 1Cr 4-7; 6,39-48; 6,49-66; 12,24-38), mas também porque representa Jesus Cristo, o leão da tribo de Judá (Ap 5,5; Gn 49,9), cabeça da Igreja (Cl 1,15-18; Ef 1,22-23). Outra constatação é a eliminação da tribo de Dã, a qual deveria estar presente para formar um grupo com Neftali, pois originou-se de Dã, filho de Bala, escrava de Raquel. A sua substituição pela tribo de Manassés é ilógica, uma vez que José, tribo do pai de Manassés, e Levi aparecem na oitava e na décima primeira posição (José e Levi desaparecem das listas quando os dois filhos de José são colocados). Uma observação interessante é a preferência por Manassés em detrimento de Efraim. Os motivos da supressão, da substituição e da escolha parecem estar vinculados: à representação de Dã pela figura da serpente, que remete à imagem do Dragão (Ap 12,9; Gn 49,17; 3,1.13; Is 27,1; 2Cor 11,3; Sb 2,24); ao fato de que Manassés foi ocasionalmente a favor de Davi e de Deus (1Cr 12,19-21.31.37-38; 2Cr 30,1.10-11.18; 31,1); e ao histórico de idolatria, traição e apostasia atribuído a Dã e a Efraim (Jz 17,3-6; 18,15-17.30-31; Am 8,14; 1Rs 12,25-30; Jz 5,17; Jr 8,16; Os 4,17; 7,11; 8,9; 12,1-2; Is

28,1.3; Jz 8,1-3; 12,1-7; 2Cr 25,10; 30,10). Na literatura não canônica e patrística também encontramos uma conotação negativa com relação a Dã.

Para a nossa pesquisa, é importante já verificar que Manassés surge em sexto lugar, uma posição talvez indicadora da existência de um princípio simbólico na formação da lista, no sentido de assinalar a eliminação dos cristãos apóstatas do meio do Israel espiritual (2Cor 11,3; 2Ts 2,11-12), mediante a substituição de Dã por Manassés. A comparação da lista de Ap 7,4-8 com as demais listas existentes na Bíblia e na literatura judaica antiga pode nos auxiliar na descoberta dos princípios formadores da lista de João, considerando-se preliminarmente que nenhuma outra lista é igual à de Ap 7,4-8. As demais listas são as seguintes, enumeradas por grupos de tipos de listas similares, sendo que os nomes das mães estão abreviados pelas iniciais:

1) Gn 29,31-35; 30,1-24; 35,16-18 (tradições E-JP do Pentateuco; sécs. VIII, IX-V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R). Similares: Demétrio, o cronografista, fragmento 2,3-5.8.10.17-18 (três listas; III a.C.); Jubileus 28,11-24; 32,3 (II a.C.); F. Josefo, *Antiguidades Judaicas* 1.19.8; 1.21.3 (93 d.C.).

2) Gn 35,23-26 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z). Similares: Jubileus 33,22 (II a.C.); Pseudo-Filon 8,6 (71 d.C.); F. Josefo, *Ant.* 2.7.4 (93 d.C.).

3) Gn 46,9-27 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B). Similar: Jubileus 44,11-30 (II a.C.).

4) Gn 49,3-27 (J-P Pent.; IX-V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Zabulon-Issacar (L), Dã (R-B), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B), José-Benjamin (R).

5) Ex 1,1-5 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

6) Nm 1,5-15 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Judá-Issacar-Zabulon (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser-Gad (L-Z), Neftali (R-B).

7) Nm 1,20-43 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão (L), Gad (L-Z), Judá-Issacar-Zabulon (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B). Similar com a inversão Manassés-Efraim: Nm 26,5-50.

8) Nm 2,3-31 (P Pent.; V a.C.): Judá-Issacar-Zabulon-Rubem-Simeão (L), Gad (L-Z), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B). Similares: Nm 7,12-83; Nm 10,14-27.

9) Nm 13,4-15 (P Pent.; V a.C.): Rubem-Simeão-Judá-Issacar (L), Efraim (R-J), Benjamin (R), Zabulon (L), Manassés (R-J), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Gad (L-Z).

10) Nm 34,19-28 (P Pent.; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Dã (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Zabulon-Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B).

11) Dt 27,12-13 (D; VII a.C.): Simeão-Levi-Judá-Issacar (L), José-Benjamin (R), Rubem (L), Gad-Aser (L-Z), Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B).

12) Dt 33,6-24 (E Pent.; VIII a.C.): Rubem-Judá-Levi (L), Benjamin-José (R), Zabulon-Issacar (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

13) Js 13-19 (P de Js; V a.C.): Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo), Judá (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Simeão-Zabulon-Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali-Dã (R-B).

14) Js 21,4-7 (P de Js; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim (R-J), Dã (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Rubem (L), Gad (L-Z), Zabulon (L).

15) Js 21,9-40 (P de Js; V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim (R-J), Dã (R-B), Manassés (R-J; duas meia-tribos), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Zabulon-Rubem (L), Gad (L-Z).

16) Jz 1 (VIII-V a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Manassés-Efraim (R-J), Zabulon (L), Aser (L-Z), Neftali-Dã (R-B).

17) 1Cr 2,1-2 (IV a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã (R-B), José-Benjamin (R), Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

18) 1Cr 4-7 (IV a.C.): Judá-Simeão-Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo), Levi-Issacar (L), Benjamin (R), Neftali (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Aser (L-Z).

19) 1Cr 6,39-48 (IV a.C.): Judá (L), Benjamin (R), Manassés (R-J; meia-tribo), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés (R-J; meia-tribo), Rubem (L), Gad (L-Z), Zabulon (L).

20) 1Cr 6,49-66 (IV a.C.): Judá-Simeão (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: duas meia-tribos), Issacar (L), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Zabulon-Rubem (L), Gad (L-Z).

21) 1Cr 12,24-38 (IV a.C.): Judá-Simeão-Levi (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: meia-tribo), Issacar-Zabulon (L), Neftali-Dã (R-B), Aser (L-Z), Rubem (L), Gad (L-Z), Manassés (R-J; meia-tribo).

22) 1Cr 27,16-22 (IV a.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Neftali (R-B), Efraim-Manassés (R-J; Manassés: duas meia-tribos), Benjamin (R), Dã (R-B).

23) Ez 48,1-29 (VI a.C.): Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B), Manassés-Efraim (R-J), Rubem-Judá (L), Benjamin (R), Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z).

24) Ez 48,30-35 (VI a.C.): Rubem-Judá-Levi (L), José-Benjamin (R), Dã (R-B), Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B).

25) Testamentos dos Doze Patriarcas (II a.C.-I d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), José-Benjamin (R). Similares: Jubileus 34,20 (II a.C.); Pseudo-Filon 26,10-11 (71 a.C.).

26) Testamento de Judá 25,1-2 (II a.C.): Levi-Judá-Simeão-Rubem-Issacar-Zabulon (L), José-Benjamin (R), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z).

27) Jubileus 38,5-8 (II a.C.): Judá (L), Neftali (R-B), Gad (L-Z), Levi (L), Dã (R-B), Rubem-Issacar-Zabulon-Simeão (L), Benjamin (R), Henoc (filho de Rubem).

28) 11QTemple, col. 24.10-16 (II a.C.): Judá (L), Benjamin (R), Efraim-Manassés (R-J), Rubem-Simeão-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (Z).

29) 11QTemple, col. 39.12-13 (II a.C.): Simeão-Levi-Judá-Rubem (L), José-Benjamin (R), Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

30) 11QTemple, col. 39.14-16; 40.15; 41 (II a.C.): Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Aser (L-Z).

31) 11QTemple, col. 44 (II a.C.): Simeão-Judá-Levi-Rubem (L), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R), Issacar (L).

32) 4Q554, frag. 1, cols. 1-2 (I d.C.): Simeão-Levi-Judá (L), José-Benjamin (R), Rubem-Issacar-Zabulon (L), Gad (L-Z), Dã (R-B), Aser (L-Z), Neftali (R-B).

33) Filon, *De Somniis* 2.5.34-40 (30 d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã (R-B), Gad-Aser (L-Z), Neftali (R-B), Benjamin (R).

34) Pseudo-Filon 8,11-14 (71 d.C.): Rubem-Simeão-Levi-Judá-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad (L-Z), Efraim-Manassés (R-J), Benjamin (R).

35) Pseudo-Filon 10,3 (71 d.C.): Rubem-Issacar-Zabulon-Simeão (L), Gad-Aser (L-Z), Dã-Neftali (R-B), Levi-Judá (L), José-Benjamin (R).

36) Pseudo-Filon 25,4 (71 d.C.): Judá-Rubem-Simeão-Levi-Issacar-Zabulon (L), Gad-Aser (L-Z), Manassés-Efraim (R-J), Benjamin (R).

37) Pseudo-Filon 25,9-13 (71 d.C.): Rubem-Levi-Issacar-Zabulon (L), Dã-Neftali (R-B), Gad-Aser (L-Z), Manassés-Efraim (R-J), Benjamin (R).

Os modelos básicos das listas são os tipos 1, 2 e 3, os quais sofrem modificações devido a motivos territoriais, geográficos, políticos, militares, teológicos e redacionais. Esta observação denota a importância do livro de Gênesis para o fator de influência. A lista de Ap 7,4-8 também obedece aos princípios daqueles modelos, como o de colocar em primeiro lugar Lia e em segundo Raquel;

mas se especializa pela ordenação das tribos das escravas em ordem respectiva (Lia-Zelfa, Raquel-Bala, ao invés de Raquel-Bala, Lia-Zelfa) e pelo posicionamento delas na primeira metade. Isto permite a suspeita de que nela também há um motivo particular.

A comparação estatística determina que os tipos se contrapõem a Ap 7,4-8 nos seguintes detalhes:

a) a tribo de Judá aparece no início junto e antes da tribo de Rubem apenas em uma lista (Pseudo-Filon 25,4);

b) Gad, Aser, Dã e Neftali aparecem muito mais na segunda metade, conforme as seguintes frequências: Gad vinte e seis vezes, Aser trinta vezes, Dã vinte e quatro vezes e Neftali trinta vezes; na primeira metade prevalecem aparições isoladas: Gad cinco vezes, Aser uma vez, Dã quatro vezes e Neftali uma vez, contra os grupos Dã-Neftali (duas vezes), Gad-Aser (uma vez), Dã-Aser-Neftali (uma vez) e Neftali-Gad-Dã (uma vez);

c) a ordem Dã-Neftali surge na grande maioria das listas, ao invés de Neftali-Dã (esta somente aparece em três tipos de listas: Js 13-19; Jz 1; 1Cr 12,24-38);

d) o mais frequente é a colocação de Gad-Aser após Dã-Neftali (oito tipos contra três; além disso, os dois grupos aparecem intercalados entre si em sete tipos, e também ocorre a alternância das tribos em outros sete tipos);

e) Dã vem antes de Neftali e Gad-Aser em dezessete tipos de listas;

f) Dã aparece apenas uma vez no sexto lugar (Ez 48,30-35);

g) com relação à tribo de Manassés, deve-se dizer que das vinte vezes em que ela surge, por dezesseis vezes ela se apresenta junto da de Efraim, sendo que em doze vezes, contra oito, ela está na segunda metade; quando ambas as tribos aparecem, a de José fica ausente; e a de Manassés sempre substitui a de Levi (que acaba sendo suprimida de algumas

listas porque não possuía território) ou naturalmente a de José, nunca a de Dã;

h) as demais tribos surgem frequentemente na primeira metade, praticamente em trinta tipos de listas, embora às vezes parcialmente.

Estes detalhes acabam demonstrando que João não segue um pensamento lógico perante os princípios internos das demais listas, o que torna Ap 7,4-8 bastante peculiar.

Por fim, devemos também estudar Ap 7,4-8 do ponto de vista das semelhanças nas sequências com outras listas, para descobriremos se João tende para alguma lista em particular. Selecionamos então estas listas:

a) Judá-Rubem no início: Pseudo-Filon 25,4; invertida Rubem-Judá em Dt 33,6-24 e Ez 48,30-35;

b) Gad-Aser na primeira metade: somente em Pseudo-Filon 10,3;

c) Gad-Aser-Neftali: ocorre somente na segunda metade: Gn 49,3-27; *De Somniis* 2,5,34-40; Nm 1,5-15 (com inversão Aser-Gad-Neftali); e Ez 48,30-35;

d) Aser-Neftali-Manassés na primeira metade: somente em Ez 48,1-29; a alternativa Aser-Neftali-Dã: somente aparece na segunda metade em Js 13-19 e Jz 1;

e) Manassés no sexto lugar: Js 13-19 (meia-tribo); 21,4-7; 21,9-40 (meia-tribo); 1Cr 12,24-38 (meia-tribo); e 11QTemple, col. 44;

f) Simeão-Levi-Issacar-Zabulon: ocorre apenas na primeira metade: Gn 46,9-27 (Judá entre Levi e Issacar);

g) Simeão-Levi-Issacar-Zabulon-José-Benjamin: somente aparece na primeira metade: Gn 35,23-26 (Judá entre Levi e Issacar).

A sequência da linha g acima demonstra que Gn 35,23-26 serve como lista básica de formação, pois contém originalmente a mesma sequência, mas com Rubem antes e Judá entre Levi e Issacar (perceba-se que João inclui a tribo de Levi em sua lista, o que confirma sua tendência para Gn 35,23-26, mesmo que coloque a de Manas-

sés, a qual aparece nas demais listas somente quando a de Levi não aparece). O deslocamento de Judá para antes de Rubem, provocado por motivos teológicos, forma a sequência de Ap 7,4-8, ocorrendo, no entanto, a sua fragmentação com o núcleo Gad-Aser-Neftali-Manassés, posto entre Rubem e Simeão. Este núcleo não existe em nenhuma lista, a não ser de maneira fragmentária em Gad-Aser, Gad-Aser-Neftali e Aser-Neftali-Manassés ou Aser-Neftali-Dã.

A ocorrência de Gad-Aser e Aser-Neftali-Manassés na primeira metade somente se dá em duas listas, enquanto Gad-Aser-Neftali e a alternativa Aser-Neftali-Dã sempre surgem na segunda metade, o que denota a falta de lógica de Ap 7,4-8 perante a maioria das listas. A possibilidade estatística de se colocar Manassés após Neftali é praticamente nula, pois a sequência acontece apenas em Ez 48,1-29. A colocação de Manassés no sexto lugar nas demais listas acima citadas não devem ser consideradas, porque se trata de um isolamento particular, independente das sequências.

O que se pode deduzir da sequência Gad-Aser-Neftali-Manassés é que a sua própria fragmentação indica que João não levaria em conta o padrão de nenhuma das listas coincidentes a ela, porque seria um trabalho muito complexo de montagem, na busca de listas esparsas. Assim, a sequência é peculiar somente de Ap 7,4-8.

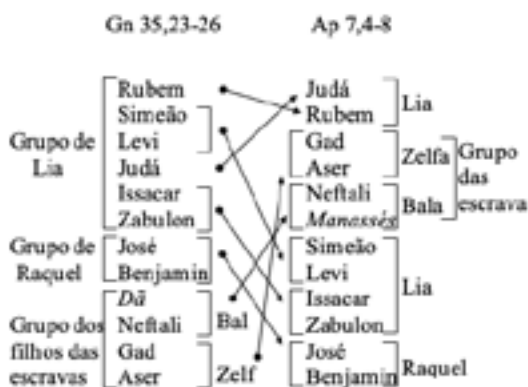
Poderia ser que o início de Ap 7,4-8 tivesse uma inspiração geográfica com a sequência Rubem-Gad, como vemos em Js 13-19, dando motivação para se colocar os grupos Gad-Aser e Neftali-Manassés no início. Mas, como já vimos, uma inspiração geográfica deve ser descartada.

Disto tudo podemos concluir que Ap 7,4-8 tende para Gn 35,23-26. No entanto, Gn 46,9-27 transparece de forma subsidiária, devido à adoção da ordem respectiva Lia-Zelfa, Raquel-Bala. Desta maneira, ao utilizar-se destas listas modelares, a montagem tornava-se mais simples e acessível para João no processo de busca e ordenação. Aparentemente, a modificação que ele fez, por meio da colocação dos grupos das escravas entre Rubem e Simeão, deve ter tido o objetivo de conformar a lista

de um modo tal, que permitisse o surgimento de Manassés no sexto lugar, em substituição de Dã. Se realmente foi assim, fica confirmado que em Ap 7,4-8 há princípios teológicos na sua formação, assinalados por dois deslocamentos: o de Judá e o dos grupos das escravas; e, notadamente, a semelhança de Ap 7,4-8 com as duas listas citadas demonstra que a tribo de Manassés é uma verdadeira intrusa e nunca deveria estar ali presente: sua colocação foi uma decisão deliberada de João. A constatação do deslocamento ilógico dos grupos Gad-Aser e Dã-Neftali para a primeira metade da lista indica que João desejava dispor os grupos das escravas em conjunto. Isto teria acontecido porque ficaria sem sentido deslocar a tribo de Dã sem deslocar os grupos das escravas, aos quais ela pertence por uma questão de ordenação óbvia (como vemos em Gn 35,23-26). Assim, devido a esta observação e à preferência pela inclusão de Levi e José, podemos perceber que João não pretendia substituir nenhuma outra tribo a não ser a de Dã. Naturalmente, quando João dispôs os grupos das escravas entre Rubem e Simeão, ele não quis colocar Manassés antes de Neftali, que é a posição original de Dã em Gn 46,9-27, e a preferida na maioria das listas; mas sim após Neftali, na sexta posição, ferindo completamente a lógica. A intenção desta modificação seria de rememorar a Besta pelo número seis, sem dúvida por causa de Ap 13,18, e indicar os seus seguidores, os apóstatas, que foram eliminados do meio do Israel espiritual. Esta eliminação se fez pela substituição simbólica de Dã — a figura do apóstata — por Manassés.

Para visualizar esta teoria e a manipulação entre as listas de Gn 35,23-26 e Ap 7,4-8, veja o Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1 – Deslocamento das tribos



Fonte: Elaborado por Adylson Valdez (2009).

3.2 *Objecções ao simbolismo de Ap 7,4-8*

Para a teoria apresentada pode-se opor três objeções.

A primeira objeção é a de que Manassés acabou ficando em sexto lugar por mera consequência do desejo de João de dispor as três tribos das escravas uma perto da outra (Gad-Aser-Neftali). Mas esta possibilidade se desfaz perante os seguintes fatores fortemente determinantes: a preferência por colocar os grupos das escravas na primeira metade da lista, causando a fragmentação ilógica do grupo de Lia; a escolha da ordem respectiva Lia-Zelfa, Raquel-Bala, propiciando a colocação da sequência Neftali-Manassés nos quinto e sexto lugares; o significado negativo que 666 e a figura da serpente atribuem respectivamente ao número seis e à tribo de Dã; e a própria substituição de Dã por Manassés, que cria uma relação do número seis com a apostasia e o Anticristo. Ademais, caso a sua intenção não fosse marcar o sexto lugar, João poderia ter posicionado as tribos das escravas no final da lista, deixando Manassés no décimo segundo lugar, ou, em qualquer outro lugar; e, também, não se pode dizer que a ordenação de Ap 7,4-8 seja aleatória, considerando-se que a inspiração geral do autor pelo Antigo Testamento permite deduzir a existência de uma lista prévia veterotestamentária. A segunda objeção é a de que não poderia haver intenção simbólica numérica, tendo em vista que, se assim ocorresse, todos os números da lista teriam de ganhar significados conforme a tipologia de cada tribo. É visível que as outras tribos não atribuem um significado específico para os números respectivos. Mas observe-se que em todo o texto do Apocalipse a preocupação do autor é a de realçar principalmente duas figuras: a do leão de Judá e a da Besta. Desta forma, de seu ponto de vista simbólico, as demais tribos não eram importantes. Os deslocamentos da tribo de Judá e dos grupos das escravas indicam quais eram as tribos especiais que ele precisava assinalar, levando-se em conta os princípios determinantes de Ap 5,1-5; 2,8; e 13,18.

Por fim, a terceira objeção é a de que a intenção simbólica de Ap 7,6 não poderia existir porque não

Nesta comparação entre as listas, vemos que João coloca Gad e Aser antes de Neftali, e Dã, ou Manassés, para depois de Neftali. Tendo em vista a lista dos apóstolos, parece que tais modificações foram intencionais, para que Dã ou Manassés se direcionem para Judas Iscariotes ou Matias. Após estas mudanças, João teria deslocado o grupo das escravas para depois de Rubem, deixando Dã ou Manassés, por consequência, Judas Iscariotes e Matias, para o sexto lugar, e, assim, simbolizá-los com o número 6.

Há outras coincidências: Pedro, chefe dos doze apóstolos, está no primeiro lugar, como Judá, chefe das doze tribos; existem quatro filhos principais de Lia e quatro apóstolos principais; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu, como Gad e Aser, são irmãos; os apóstolos Tiago e João foram chamados "Boanerges" ou "filhos do trovão", talvez por causa de suas naturezas impetuosas;⁵ enquanto Simeão e Levi tinham caráter violento em Gn 49,5-7. Estas coincidências confirmam um possível paralelismo entre as listas.

Considerações finais

Como vimos neste artigo, os primeiros seguidores de Jesus, os cristãos primitivos, estavam muito centrados na tradição hebraica, mesmo quando ao provir e atuar no âmbito de pessoas oriundas do politeísmo. Os representantes do poder imperial romano, divinizado e opressivo, podiam ser entendidos como escatológicos, a prenunciar o fim do tempo de injustiça. Nero, neste contexto, pode ser um imperador a prenunciar em tudo: adorado por tantas pessoas, o que podia ser considerado pelos seguidores de Jesus, como o supremo sacrilégio; perseguidor de cristãos, podia ser interpretado como prenunciador do fim da iniquidade e do reino de Deus. Mesmo que o texto do Apocalipse possa ser posterior a Nero, contemporâneo a outros imperadores romanos divinizados e perseguidores dos cristãos, não seria descabido considerar que Nero foi o grande e inicial referente, como o que Ernest Renan viria a chamar de Anticristo.

Procedendo-se à revisão das duas principais interpretações sobre o número 666, pôde-se averiguar que o significado simbólico desta cifra somente deve ser extraído do próprio texto do Apocalipse, muito embora possa ter havido uma influência tipológica sobre o autor advinda de passagens do Antigo Testamento, como as de 1Sm 17,4-7; e 2Sm 21,20-21.

No entanto, não se pode negar a possibilidade do emprego da gematria por parte de João, considerando-se que 666 representa obrigatoriamente um nome, sendo resultado evidente de uma operação matemática, apesar de o autor não revelar a sua equação.

Desta forma, parece ser conveniente a conjugação de ambas as interpretações.

O padrão de pensamento simbólico e tipológico do autor sobre o número 666 pode ser confirmado pela análise da formação da lista das Doze Tribos de Israel, que se encontra em Ap 7,4-8. A sua disposição permite entrever uma manipulação com o intuito de fazer surgir a tribo de Manassés no sexto lugar, indicando que ali havia a tribo de Dã, que teria sido marcada primitivamente com o número seis, devido à sua relação com a apostasia e o Anticristo.

Por fim, a possível relação da lista das Doze Tribos de Israel com a lista dos Doze Apóstolos e a sua história (substituição de Judas Iscariotes por Matias, entre outras coincidências) nos permite concluir que o autor do Apocalipse também estaria fazendo um paralelo simbólico e tipológico entre o Antigo e o Novo Testamento, o que fecha a sua cadeia de significados ocultos apocalípticos e proféticos, totalmente contida e sintetizada no número 666.

Referências

AUNE, David E. *Revelation*. Word Biblical Commentary, 52B. Dallas: Word, 1997. v. 2, p. 462.

BAUCKHAM, Richard. The List of the Tribes in Revelation 7 Again. *Journal for the Study of the New Testament (JSNT)*, Thousand Oaks, n. 42, p. 99-115, 1991.

BAUCKHAM, Richard. *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edingburgh: T. & T. Clarke, 1993.

⁵ Mc 3,17; Lc 9,54.

BEDA. Explanatio Apocalypsis. *Patrologia Latina (PL)* 93, 172.D, [1850].

BEET, W. E. The Number of the Beast. *The Expositor*, Cleveland, n. 8, s. 47, 121, p. 18-31, 1921.

BENARY, Ferdinand. Erklärung der Zahl 666 in der Apokalypse (13, 18.) und ihrer Variante 616. *Zeitschrift für speculative Theologie*, Berlin, v. 1, f. 2, p. 205-206, V, 1836. Tradução de Adylson Valdez em Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/32966251/Interpreta%C3%A7%C3%A3o_do_N%C3%BAmero_666_no_Apocalipse_13_18_e_a_Leitura_Variante_616_Benary_1836. Acesso em: 3 ago. 2021.

BORN, A. van den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Tradução de Frederico Stein. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

BOSSUET, Jacques-Bénigne. *L'Apocalypse avec une explication*. Paris: Sebastien Mabre-Cramoisy, 1689, p. 302.

BOUSSET, Wilhelm. *Der Antichrist in der Überlieferung des Judentums, des Neuen Testament und er alten Kirche: Ein Beitrag zur Auslegung der Apokalypse*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1895.

BRÜTSCH, Charles. *La Clarté de L'Apocalypse*. Genève: Labor et Fides, 1940.

BUCHANAN GRAY, George. *Encyclopaedia Biblica* 4 Disponível em: <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupid?key=olbp14092>. Acesso em: 3 ago. 2021.

BUCHANAN GRAY, George. *The Expositor*, s. 6, v. 5, p. 225-240, 1902. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/articles_expositor-series-6.php. Acesso em: 3 ago. 2021.

CHARLES, Robert H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. Edingborough: T. & T. Clarke, 1920, v. 2. (Latest impression 1989).

CLEMEN, Carl. Die Zahl 666, ein Hinweis auf Trajan? *Protestantische Monatshefte* 25, p. 144-148, 1921.

CLEMEN, Carl. Die Zahl des Tieres Apc 13:18. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft (ZNW)*, v. 2, p. 109-114, 1901.

CLEMEN, Carl. Nochmals die Zahl des Tieres. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft (ZNW)* v. 11, p. 204-223, 1910.

CORPUS THOMISTICUM (commentaria biblica, super Apocalypsim). Disponível em: <https://www.corpus-thomisticum.org/iopera.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.

DEISSMANN, Gustav A. *Light from the Ancient East*. London: Hodder and Stoughton, 1910. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL6527179M/Light_from_the_ancient_East. Acesso em: 3 ago. 2021.

ENCYCLOPAEDIA BIBLICA. Disponível em: <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupid?key=olbp14092>. Acesso em: 3 ago. 2021.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. *Verbete Abbreviation*. 11. ed. 1911. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Abbreviation. Acesso em: 3 ago. 2021.

EWALD, Heinrich. *Commentarius in Apocalypsin Johannis*. Lipsiae: Is. n.l., 1828. p. 237. Disponível em: books.google.com.br. Acesso em: 3 ago. 2021.

EWALD, Heinrich. *Johanneische Schriften*. Göttingen, v. 2, p. 263, 1862. Disponível em: books.google.com.br. Acesso em: 3 ago. 2021.

FARBRIDGE, Maurice H. *Studies in Biblical and Semitic Symbolism*. N. York: Trubner's Oriental Series, 1923. p. 93-95. (publication date: 11 ago. 2007).

FÍLON. *De Opificio Mundi (Opif.)* 3,13-15. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/yonge>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FÍLON. *Quaestionem in Genesim (QG)* II, 17. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/yonge>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FILÓSTRATO. *Vita Apollonii (Vit. Apoll.)* 4,38. Disponível em: <https://www.livius.org/sources/content/philostratus-life-of-apollonius>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FRITZSCHE, Carl F. A. Ueber die Zahl 666 in der Apokalypse, *Annalen der gesammten theologischen Literatur und der christlichen Kirche* überhaupt. Leipzig, ano I, v. 3, f. 1, II, p. 42-64, 1831. Tradução parcial de Adylson Valdez em Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/32965912/Sobre_o_n%C3%BAmero_666_no_Apocalipse_Fritzsche_1831. Acesso em: 3 ago. 2021.

FULLER, Alan R. Early Christianity and Philo of Alexandria. In: FULLER, Alan R. *666 and the Name*. [S. l.: s. n.], 2020.

GROTIUS, Hugo. *Annotationes in Novum Testamentum*. Groningen: W. Zuidema, 1630. v. VIII, p. 368.

GUNKEL, Hermann. *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1895. Disponível em: <http://www.etana.org/sites/default/files/coretexts/14497.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

HARTINGSVELD, Lodewijk van. Die Zahl des Tieres, die Zahl eines Menschen: Apokalypse XIII.18. *Miscellanea Neotestamentica* 2, p. 191-201, 1978.

HENGSTENBERG, Ernst W. *The Revelation of St. John Expounded for those who search the Scriptures*. Edingborough: Mack Publishing, 1852.

HILLERS, Delbert R. Revelation 13, 18 and a Scroll from Murabba'at. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research (BASOR)*, v. 170, p. 65, 1963. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/toc/basor/current>. Acesso em: 3 ago. 2021.

HITZIG, Ferdinand. *Ostern und Pfingsten*: Heidelberg, 1837, p. 3. Tradução de Adylson Valdez em Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/32966601/Ferdinand_Hitzig_1837_Eduard_Wilhelm_Eugen_Reuss_1837_deutsch_English_Portugu%C3%AAs. Acesso em: 3 ago. 2021.

IRENEU. *Adversus Haereses (Adv. Haer.)* 1.24.7, 5.28.2, 5.28.3, 5.29.2, 5.30.1, 5.30.2, 5.30.3. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0103.htm>. Acesso em: 3 ago. 2021.

JASTROW, Marcus. *A Dictionary of the Targumin, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. London: [s. n.], 1903, p. 1365. Disponível em: <http://www.etana.org/sites/default/files/coretexts/14906.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

JEWISH ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com>. Acesso em:

3 ago. 2021.

MARTÍNEZ, Florentino G. *Textos de Qumran*. Tradução de Valmor da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha, Elsa Maria Berredo Peixoto, Gaspard Gabriel Neerick, I. F. L. Ferreira e Josué Xavier. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MONTEIRO, Sérgio H. S. O Pentateuco no século 21: retrospecto e perspectivas. *Revista Kerygma*, [S. l.], v. 13, n. 2, 2. sem. 2017, p. 23-45. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v13.n2.p23-45>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MOURA, Rogério L. de. A Torá como elemento de memória e construção identitária na Yehud persa. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-8, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/39485/26527>. Acesso em: 3 ago. 2021.

PAPIRO DE MURABBA'AT COM NRWN QSR. Disponível em: <http://www.kchanson.com/PTJ/loan.html#Mil>. Acesso em: 3 ago. 2021.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

PSEUDO-FÍLON. Disponível em: <https://www.sacred-texts.com/bib/bap/index.htm>. Acesso em: 3 ago. 2021.

REUSS, Eduard W. E. *Allgemeine Literatur-Zeitung*, die Intelligenzblätter, vol. V, 62, IV, Halle, Sept., 1837, p. 520. Tradução de Adylson Valdez em Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/32966601/Ferdinand_Hitzig_1837_Eduard_Wilhelm_Eugen_Reuss_1837_deutsch_English_Portugu%C3%AAAs. Acesso em: 3 ago. 2021.

RUPERT DE DEUTZ. Commentarius in Apocalypsim. *Patrologia Latina (PL)* 169, 825-1214. Disponível em: <http://patristica.net/latina>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SELLIN, Ernst; FOHRER, George. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de D. Mateus Rocha. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

SKA, Jean Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. 3. ed. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SMITH, Christopher R. The Portrayal of the Church as the New Israel in the Names and Order of the Tribes in Revelation 7,5-8. *Journal for the Study of the New Testament (JSNT)* 39, p. 111-118, 1990. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/jnt>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SPITTA, Friedrich. *Die Offenbarung des Johannes untersucht*. Halle: Weisenhauses, 1889. v. XII.

STAUFFER, Ethelbert. 666. *Coniectanea Neotestamentica (ConNT)*, v. 11, p. 237-241, 1947.

SUETÔNIO. *De Vita Caesarum, Nero* 40 e 57. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper>. Acesso em: 3 ago. 2021.

TÁCITO. *Historiae* 1.2; 2.8-9. Disponível em: <http://classics.mit.edu/Tacitus/histories.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.

UNIVERSITÄTSBIBLIOTHEK TÜBINGEN (artigos originais completos de Fritzsche e Benary). Disponível em: <https://www.ub.uni-tuebingen.de>. Acesso em: 3 ago. 2021.

VAN EYSINGA, Gustaaf Adolf van den Bergh. Die in der Apokalypse Bekämpfte Gnosis, *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft (ZNW)* 13, p. 293-305, 1912.

VITORINO DE PETTAU. Commentarii in Apocalypsim Iohannis. *Patrologia Latina (PL)*, Suppl. 1, p. 110. Disponível em: <http://patristica.net/latina>. Acesso em: 3 ago. 2021.

YARBRO-COLLINS, Adela. Numerical Symbolism in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt (ANRW)* II.21.2, p. 1221-1287, 1984. Disponível em: <https://www.bu.edu/ict/anrw/pub/index.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Pedro Paulo Abreu Funari

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Pós-Doutorado pela Illinois State University (ILSU), EUA; pela University College London (UCL), Grã-Bretanha; pela Universitat de Barcelona (UB), Espanha; pela Université de Paris X (UPX), França; pela Durham University (DURHAM), Inglaterra; pela Stanford University (STANFORD), EUA. Livre-Docência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil. Professor titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil.

Adylson Valdez

Graduado em Direito pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), em Santos, SP, Brasil.

Endereços para correspondência

Pedro Paulo Abreu Funari

Universidade Estadual de Campinas

Departamento de História

Cidade Universitária Zeferino Vaz

13.083-970

Campinas, SP, Brasil

Adylson Valdez

Rua Benjamin Constant, n. 154, ap. 32

11.040-140

Santos, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.